

Ilaina Damasceno Pereira

Professora da Universidade Regional do Cariri-URCA,
Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará
ilionp@yahoo.com.br

Identidade de lugar no Benfica: Distinção, discurso e divisão simbólica no bairro

Resumo

O presente artigo analisa a relação entre identidade social e identidade de lugar, enfocando o discurso que residentes do Benfica em Fortaleza-Ceará constroem do bairro e da área denominada Gentilândia, cuja descrição realiza-se com as atribuições de “mais tradicional e cultural” tanto para o local como para seus moradores. Assim, verifica-se como uma área urbana é diferencialmente valorizada através das representações que moradores criam de si e do bairro que ocupam, constituindo um limite e uma diferença entre habitantes e lugares.

Palavras-chave: Identidade, Diferença, Lugar, Discurso.

Abstract

PLACE INDENTITY IN BENFICA: DISTINCTION, DISCOURSE AND SYMBOLIC BORDERS WITHIN THE NEIGHBORHOOD

This paper analyses the relation between social identity and place identity. It focuses on the discourse built by the inhabitants of Benfica – a neighborhood in the city of Fortaleza-Ceará-Brazil – about their neighborhood and about the area called Gentilândia, which is considered to be more traditional and cultural in relation to the surrounding areas and their inhabitants. Thus, it is observed how an urban area is differentially valorized through representations which the inhabitants create of themselves and of the place they live in, drawing borders between inhabitants and places.

Key-words: Identity, Difference, Place, Discourse.

1. Introdução

O Benfica, na reportagem “Memória de Fachada”¹, é descrito como local onde o patrimônio edificado presente na avenida da Universidade não é valorizado por residentes do bairro e pela população de Fortaleza². Para que estes tomem conhecimento da história presente no lugar, propõe-se um roteiro histórico descendo a avenida da universidade, na direção praia sertão, terminando na pracinha da Gentilândia³. O roteiro busca demonstrar a arquitetura diferenciada do bairro, terminando na praça porque se acredita que esta área apresenta características de vizinhança não mais encontradas nas metrópoles.

Apesar de apresentar o Benfica como uno e indivisível, as informações expostas demonstram que há uma divisão interna não oficializada pelo planejamento urbano, mas expressa no dia a dia. A área denominada Gentilândia é definida por seus moradores como uma “sociedade melhor”, que, mesmo sendo parte do bairro do Benfica, constitui um conjunto de “maior valor humano”.

Desta forma, trabalhar-se-á, neste artigo, com os conceitos de identidade e lugar, a fim de demonstrar como o poder de autorepresentação permite a um grupo construir uma imagem positiva de si e do lugar que ocupa, edificando também identidades fortemente vinculadas ao lugar.

O artigo apresenta um roteiro de análise. Primeiro, uma consideração sobre a história do Benfica. O segundo eixo de análise parte da memória coletiva, apresentando o bairro como espaço vivido, da forma como é apresentado por um grupo de moradores autoidentificado como gentilandinos. No terceiro eixo, parte-se desta comunidade a fim de verificar as construções simbólicas e discursivas que criam a distinção interna no “bairro mais tradicional de Fortaleza”⁴.

2. Uma breve história do Benfica

A formação do Benfica tem relação com a história econômica, cultural e educacional de Fortaleza. Com a recuperação da economia do estado, afetada pela estiagem no final do século XIX, houve o deslocamento das

classes sociais mais abastadas em direção à periferia do centro da cidade, a fim de afastarem-se do comércio.

Esse movimento foi favorecido pelo conforto e pela rapidez proporcionados pelo sistema de transportes com as linhas de bondes elétricos e automóveis particulares movidos à gasolina. A expansão dos espaços de moradia se deu a partir do deslocamento das classes mais abastadas para o lado oeste da cidade, com o bairro Jacarecanga, e para o sul, na direção da estrada de Arronches, atual Parangaba, constituindo uma área destinada ao descanso no Benfica.

Raimundo Girão (1959) destaca essa área da cidade no final do século XIX e início do XX como local de chácaras com extensos pomares e casas recuadas, que marcavam a paisagem da estrada usada para abastecer a Capital com gêneros alimentícios trazidos do interior. As residências, em geral simples, apesar de amplas, marcavam o início do que se poderia chamar de zona rural de Fortaleza, na passagem de um século a outro. Também despontava no cenário local como ponto de lazer, já que ali estavam presentes o Prado Cearense e, ao lado deste, um campo de futebol onde equipes locais se enfrentavam.

Barroso (2004), ao descrever o Benfica na década de 1930, destaca a diversidade da paisagem, pois enquanto o Jacarecanga apresentava aspecto predominantemente aristocrático, o Benfica se destacava pela pluralidade dos tipos de residências existentes. Além das mansões, havia moradas para a classe média, que ocupavam as vias principais, e casas de aluguel, situadas nas ruas secundárias, destinadas à população menos abastada. Barroso (2004) cita as seguintes, existentes ainda hoje: Vila Antônio de Souza, Vila Demétrio, Vila Apertada Hora, Vila Campelo, Vila Alegre, Vila Arteiro e Vila Gentil⁵.

Hoje, das características apontadas por jornalistas, arquitetos, moradores e historiadores, destaca-se a preservação de chalés, bangalôs e mansões antigas, atualmente pertencentes à Universidade Federal do Ceará (UFC), refuncionalizadas na década de 1950 para a instalação de departamentos e centros de estudos, inclusive a sede da reitoria.

Ao longo de sua história o Benfica veio a construir uma imagem de si diante da cidade, primeiro como área rural e propícia para o descanso, depois como setor onde residiam abastados comerciantes, em seguida

chegando a classe média, composta por profissionais liberais. E, por último, a universidade que consolida o bairro como reduto cultural da cidade de Fortaleza.

Das identificações atribuídas, tem-se a homogeneidade e a regularidade como marca. O Benfica é apresentado de forma linear e não contraditória, como se a cada momento em que um elemento novo se inserisse o outro desaparecesse ou se integrasse de forma não conflituosa. A imagem deste lugar, diante da cidade, atualmente, é de que há uma cultura inerente ao local, composta pela tradição, pela memória arquitetônica e pela sociabilidade diferencial de seus moradores; consolidada pela instalação de um centro produtor de cultura⁶ e ciência para a capital e o Estado.

A análise realizada a seguir demonstra que essa homogeneidade e coesão são aparentes, pois há um grupo, bem como a área ocupada por ele, autoidentificados como mais “tradicionalistas” e mais “culturais” que o restante do bairro.

3. Estórias sobre o Benfica e a Gentilândia

O Benfica como espaço vivido é repleto de disputas e acordos a fim de produzir uma identificação que, se para o restante da cidade parece una e inquestionável, internamente produz áreas consideradas como de maior e menor valor cultural e simbólico. É a mitografia da distinção que se enfatizará aqui com a Gentilândia.

Para entender a diferenciação interna do bairro analisou-se um quase-grupo⁷ denominado *Confraria da Gentilândia* e o *Memorial da Gentilândia*, idealizado pela Confraria em 2006, uma exposição de fotografias e documentos que conta a história do local.

De acordo com os confrades, o Benfica e, em especial, a Gentilândia, é um local particular dentro de Fortaleza, destacando-se por ter permanecido com a estrutura de ruas e casas que foram construídas na década de 1930. Estas características estruturais servem como pano de fundo para um enraizamento que se estabeleceu pelas relações cotidianas, as quais sustentam a memória coletiva do lugar (HALBWACHS, 1990).

O *Memorial da Gentilândia*, instalado no bar onde os integrantes se reúnem, atualmente inscreve as lembranças dos moradores antigos da área e registra pessoas que já não estão mais presentes, para que filhos e netos dos confrades possam ter referências. Mesmo mencionando a Família Gentil e a UFC (Universidade Federal Ceará) enfatizam-se ambientes onde predominam as relações de vizinhança.

Os doze painéis demonstram como o cotidiano constrói a memória de lugar, representando as relações de sociabilidade estabelecidas pelos membros da confraria. A exposição representa a história da Gentilândia como é lembrada pelos habitantes⁸, por isso, contém muito das relações diárias e dos sentimentos de apego a ruas ou casas.

Histórias pessoais e do lugar se confundem, pois as referências são de locais onde se passou parte da vida e onde a experiência direta de alguém pode estar inclusa. Um depoimento exposto no painel “*Gentilândia do Verde*” exemplifica a incorporação de elementos do lugar na constituição de lembranças:

Na época eu trabalhava no banco e minha esposa e eu morávamos na Rua João Gentil. Um dia eu estava voltando do trabalho quando vi minha mulher discutindo com um homem, era da prefeitura, na época a SUMOV prestava serviço para a prefeitura. Tinham feito uma denúncia de que a árvore estava atrapalhando a rua, minha mulher não deixou derrubar, ela brigou com o homem até que eu cheguei e ajudei. Eu acho que deveria ter uma homenagem a ela nem que fosse ali naquela planta mesmo, homenageando porque a árvore só existe hoje por causa dela, ela não deixou derrubar. Era uma mulher guerreira. Sempre que olho para a árvore, lembro dela...⁹

Quadro 1
PAINÉIS DO MEMORIAL DA GENTILÂNDIA

| Memorial da Gentilândia | |
|----------------------------------|--|
| Painéis | Assunto |
| Gentilândia e sua Origem | Família Gentil |
| Palacetes, Sobrados e Casarões | Conjunto arquitetônico local |
| Vilas e Ruas | Conjunto de residências erguidas pela imobiliária Gentil S.A. |
| Gentilândia do Verde | Preservação das áreas verdes |
| Feira Livre, Empresas e Serviços | Comerciantes locais |
| Bondes e Ônibus | Transporte e vias de acesso |
| A Fé | Atividades realizadas pela igreja |
| Educação, Cultura e Lazer | Colégios da área e Universidade Federal |
| Futebol | Relevância do esporte para a identificação do local |
| Elas na Gentilândia | Mulheres residentes no bairro que se destacaram na cidade de Fortaleza |
| Personalidades | Pessoas ilustres que visitaram o bairro ou nele residiram |
| Confrarias | Agrupamentos de amigos que se reúnem no bairro |

O lugar, construído e representado no memorial, é composto pelas características físicas, pela história local e por seus habitantes. Para os “*gentilândinos*” há um verdadeiro ethos que caracteriza os pertencentes e os não pertencentes ao lugar. Esse ethos seria “... o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético (...) é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete” (GEERTZ, 1978, p. 142).

Eu sou um saudosista, agora é como eu te disse a Gentilândia é um bairro diferente, tudo acontece aqui primeiro e a gente curte o bairro de uma forma tão intensa... A Gentilândia é um estado de espírito, ela está sempre presente na vida da gente. [...]Hoje se diz que ela é associada a um bairro cultural. É um bairro residencial familiar. Pode olhar que não existe especulação imobiliária aqui, os moradores das casas são quase os mesmos, existe uma tradição muito grande em conservar este estado de espírito das pessoas dentro do bairro. Esses encontros já dizem da camaradagem que existe entre as pessoas¹⁰.

Gentilândino é uma identidade forjada a partir da memória coletiva preservada pelos moradores e transmitida aos demais usuários do local. As identidades territoriais não se formam apenas segundo uma paisagem particular que caracterizaria o local e, por conseguinte, as pessoas que nele se estabelecem. Ela é uma construção diferencial entre os elementos da paisagem e a experiência das pessoas (HAESBAERT, 1999), formada na relação entre a memória coletiva e o espaço que ela significa.

A Confraria da Gentilândia ilustra as relações que as pessoas estabelecem com o espaço, tornando-o parte de suas vidas e, por isso, este ganha nome e identidade. Esta não serve apenas para localizar; mas, sobretudo, para distinguir os sujeitos e o lugar que ocupam, construindo a Gentilândia como “o verdadeiro lugar”¹¹.

Constitui-se uma distinção arbitrária, entre ser/estar no Benfica e ser/estar na Gentilândia, mantida pelo discurso e pelo simbolismo adotados pelos moradores dessa área, criando um limite instituído pela diferença cultural e, concomitantemente, criador dessa diferença (BOURDIEU, 1998).

A caracterização da Gentilândia como a “parte boa do bairro” está presente nas falas dos residentes. Estes, mesmo considerando-a parte do Benfica, salientam sua distinção: “O Benfica é um bairro e a Gentilândia é um pedaço do bairro. Não há explicação, o que tem de bom é Gentilândia, tudo que acontece de bom, acontece aqui”¹².

4. A Identidade Gentilandina

A relação afetiva que os moradores estabelecem com o lugar fica clara quando se verifica os depoimentos de confrades e moradores do Benfica. De acordo com Tuan (1983), o lugar é um espaço significado pelas relações que os seres humanos estabelecem com o meio, as quais ocorrem em termos individuais e coletivos, pois cada sujeito está submetido às regras do grupo ao qual pertence, mas também pode viver experiências íntimas definidoras do sentido de lugar.

Ainda segundo Tuan (1985), a identidade de lugar se constitui através de suas características físicas, sua história e de como as pessoas fazem uso do passado para promover uma consciência própria acerca dos lugares. Os lugares são, portanto, suas construções físicas, a história que os moldou e a biografia de seus habitantes.

A essa definição de espaço apropriado por um grupo Haesbaert (1997) acrescenta as relações políticas estabelecidas entre os sujeitos no desenrolar da vida diária. Haesbaert considera a identidade territorial uma identidade social, e um dos aspectos fundamentais para sua estruturação é a referência à materialidade do espaço, condensadora da memória do grupo.

As identidades territoriais são, assim, localizadas espacial e temporalmente, pois, ao serem produzidas no curso da existência das pessoas, têm seus referenciais construídos a partir da eleição de eventos e lugares do passado, utilizados para edificar uma coerência, mesmo quando estes representam mudança na estrutura “tradicional do lugar”. Veja-se, por exemplo, o painel *Educação e Cultura* onde estão presentes antigos colégios e a Universidade Federal do Ceará, como se esta fosse uma continuidade dos grupos escolares e escolas domésticas antes existentes no bairro. A universidade se torna parte do discurso de distinção, mesmo que simbolicamente ela represente transformações no caráter familiar do local. O caso da Reitoria é exemplar neste contexto:

Ela foi, há muito tempo, residência dos Gentil, mas hoje tem outro significado, é como se ela destacasse a importância desse lugar para a cidade. Nesse bairro (Gentilândia) as pessoas gostam de tradição, memória e cultura, todo mundo conhece, uns mais, outros menos, a história da cidade e daqui, porque é um bairro muito antigo¹³.

A identificação constituída reconhece o lugar tomando como referências concretas elementos de uma paisagem pretérita e, por isso, acredita-se que esta identidade esteja mais vinculada ao poder dos habitantes em tornar um local sem distinções aparentes em um território diferenciado no Benfica. De acordo com Haesbaert (1997, p. 50), “Não é propriamente o espaço que vai fundar uma identidade, mas a força política e cultural dos grupos sociais que nele se reproduzem e sua capacidade de produzir/estimular uma determinada escala de identidade, territorialmente mediada”.

A dimensão simbólico-afetiva do lugar não existe isoladamente. Há uma dimensão política, pois os homens constroem uma topofilia e um sentimento de pertença e de propriedade. Além do mais, a identidade de lugar não se forma exclusivamente pelos vínculos com o lugar, existem as relações que as pessoas estabelecem entre si e com o outro, para definir suas identidades.

As residências aqui são diferentes do resto do bairro, se você olhar bem, muita coisa mudou, mas tem coisas que permanecem quase as mesmas. Quando ando pelas ruas daqui, todo dia de manhã eu faço uma caminhada, olho para os lugares e me lembro de como as coisas eram e como elas ainda são. Veja ali, nessa rua (Padre Francisco Pinto) tem duas casas lindas, uma na esquina da Redenção e outra na esquina da Nossa Senhora dos Remédios. As pessoas que moram lá ainda deixam tudo como era antes.

Mas muita coisa está diferente, a maioria das casas foi modificada?

Mas, mesmo assim, elas permanecem. A reitoria, por exemplo, foi modificada ela não era desse tamanho tinha umas vilas aí dentro, mas ninguém nunca vai dizer que não era a casa do Cel. José Gentil. As coisas mudam e ao mesmo tempo permanecem, sabe? É como se mesmo com a modificação sempre que se passa aqui você lembra, porque ninguém pode impedir ninguém de lembrar. E de certa forma as coisas são parte da nossa vida.

Então, a maioria das pessoas quando vê o prédio associa a Reitoria à Universidade e não à família Gentil?

É. São pessoas que não conhecem a história, porque gentilandino conhece, conhece e preserva, conta pros filhos e netos. Os meus conhecem, eu mostro as coisas pra eles e digo o que tinha antes. Quando você conta a coisa se perpetua...¹⁴

Há uma simbolização do lugar pelas lembranças do sujeito, a referência é chamada pelo que já não representa e pelo que é, como se, ao mesmo tempo, uma servisse para reforçar a outra. Também há uma iden-

tificação do gentilandino como perpetuador da memória do lugar através da transmissão de informações para as novas gerações.

Os gentilandinos recorrem a aspectos da paisagem que diferenciam a Gentilândia e o Benfica para afirmar a identidade de lugar. Hall (2004) destaca a insuficiência das identidades e, por isso, elas buscam o “outro” para afirmarem-se. É na relação com o que não são que as mesmas ganham sentido, um reconhecimento pela dessemelhança com o outro.

Para Hall (2005), as identidades estão sempre em processo e, portanto, elas são dinâmicas, estão abertas às contingências. São construídas a partir de discursos, práticas e posições muitas vezes antagônicas, mas que no momento aparentam uniformidade. Por serem históricas, elas sofrem transformação e mudança constantes.

A diferença não é a origem das identidades, mas o resultado do processo onde identidade e diferença se constroem. Ambas são produzidas, o ponto inicial é a relação que funda o processo de diferenciação (SILVA, 2004).

O diálogo e o conflito forjam as identidades, estas são posições relacionais assumidas pelos sujeitos, visto serem construídas dentro e não fora da diferença. Como toda relação de significação, as identidades são construídas em relações de poder ou de forças que mostram como o aparentemente dado é construído, produzido e sofre adaptações constantes para manter-se na posição que ocupa.

As pessoas e os lugares ganham sentido por meio da atribuição de diferentes posições num sistema classificatório, por isso, a marcação da diferença é essencial para a caracterização das identidades. Woodward (2004) salienta que a diferença deve ser pensada como o desequilíbrio de poder na relação, seja ela binária ou não. Desequilíbrio onde alguns termos são sempre mais valorizados que outros, e, nestes, o significado é fixado. De acordo com a autora, o significado não é, ele está presente como um “traço”, constituído a partir da relação entre significado e significante. Nesta afirmação tem-se a relação entre o objetivo e o subjetivo como elementos preponderantes na constituição de uma identidade, a relação entre o que existe e os meios simbólicos pelos quais as coisas são significadas.

Na Gentilândia, ainda que a identidade seja formada pela relação das pessoas com o meio e passada através das gerações, há uma relação

entre as diferentes partes do bairro a fim de construir dentro do Benfica uma área supostamente mais tradicional. Cabe então verificar como isso ocorre? E como a relação consegue se perpetuar?

5. O Benfica e os Gentilândinos

Como toda identidade social, a identidade de lugar é relacional, ou seja, depende para existir de algo que esteja fora dela, um outro que a espelha e da qual ela se distingue (WOODWARD, 2004). Ela é marcada, sobretudo, por símbolos que representam a diferença entre as partes, no caso dos *gentilândinos*, a diferença entre estes e o restante dos moradores do bairro é apresentada de duas formas: 1) a sociabilidade local, apontada nas entrevistas como o hábito de sentar-se na calçada e estabelecer relações de vizinhança, referente ao tempo de residência da maioria dos moradores; e 2) a resistência das residências antigas, esta vinculada à sociabilidade, que impediria a inserção de atividades comerciais na área e a implantação de condomínios.

Além disso, o restante do Benfica seria perpassado pela presença de casas alugadas por estudantes em forma de repúblicas e prestação de serviços, principalmente os vinculados à Universidade, que não permitiriam a comparação de outras partes do bairro com a Gentilândia.

No entanto, em outras áreas do Benfica há residentes tão antigos quanto os ali presentes, bem como práticas de sociabilidade como sentar-se na calçada e conversar com vizinhos. Além disso, ao se caminhar pelas ruas internas que compõem a Gentilândia é possível perceber a ocupação de antigas residências por empresas de prestação de serviços, fato que a faria ser comparável com o resto do bairro.

É o espaço físico. Em função da família Gentil esse pedaço passou a chamar-se Gentilândia, mas ele é um bairro dentro do Benfica. Eu acredito até que existia um projeto, mas não foi aprovado. O Benfica cresceu muito, mas a Gentilândia está quase do mesmo jeito, aqui ainda se coloca cadeira na calçada, o que se deve as famílias mais antigas, as mais tradicionais conservaram esse hábito¹⁵.

Não vejo diferença entre a Gentilândia e o Benfica. Eles afirmam muitas vezes que são tradicionais, mas eu não entendo como. Como? Se as mudanças lá foram

maiores do que aqui, porque a universidade fica mais próxima de lá, então as mudanças lá são maiores. Aqui mudou muito, minha mãe até falou pra você. Mas foi para o progresso, depois dessa rua (Senador Pompeu) só tinha mato, agora tem casas, uma outra cidade. Foi isso que mudou¹⁶.

As falas anteriores são de um morador da Gentilândia e outro do Benfica, quando confrontadas demonstram como é a relação entre os residentes. De certa forma, evidencia-se um conflito entre ambos em virtude da crença de uma área ser mais tradicional que outra. Ambos buscam na paisagem e nas relações de vizinhança argumentos para assentar suas posições. Essa diferença se reflete na forma como o bairro é representado em Fortaleza.

A atribuição diferenciada de valor a áreas do Benfica se evidencia quando as reportagens que informavam sobre a inauguração do *Memorial da Gentilândia* são analisadas. Nestas são identificadas dois conjuntos: um que considera a Gentilândia como a parte mais tradicional do Benfica e outro que a considera como um bairro autônomo, usando como justificativa a tradicionalidade.

Dois fatos importantes marcaram a vida dos moradores e nativos do bairro Gentilândia em 2006. O primeiro foi a comemoração dos 50 anos da conquista do campeonato cearense de futebol pelo time do Gentilândia em 1956. (...) O segundo fato foi a inauguração do 'Memorial da Gentilândia', onde a memória do bairro é resgatada com riqueza de detalhes desde a construção das primeiras casas até os dias de hoje¹⁷.

Espaço de resgate da memória histórica de um dos bairros mais tradicionais de Fortaleza. Inaugurado em dezembro de 2006 por iniciativa dos amigos da Confraria da Gentilândia, o memorial relata através de fotografias, depoimentos e escritos, aspectos do bairro da Gentilândia...¹⁸

Um espaço de resgate da memória histórica de um dos bairros mais tradicionais de Fortaleza. Assim é o Memorial da Gentilândia inaugurado no dia 15/12/2006, localizado na rua padre Francisco Pinto n°. 128, Benfica¹⁹.

Um resgate da história de um dos locais mais tradicionais de Fortaleza, a Gentilândia no bairro Benfica. Assim é o Memorial da Gentilândia, que reúne fotos e depoimentos de moradores...²⁰

O primeiro trecho destacado foi escrito por um morador da Gentilândia e publicado na coluna de opinião do leitor, demonstrando a diferenciação que os moradores da área fazem entre si e o restante do Benfica. As de-

mais reportagens são das colunas que informam sobre eventos e atividades culturais em Fortaleza. As reportagens evidenciam a projeção da identidade gentilândina na capital, pois as três consideram a Gentilândia um local tradicional e duas delas a destacam como bairro autônomo.

Os residentes do resto do Benfica não concordam com a identificação da Gentilândia como bairro e, sobretudo, de sua identificação como local mais tradicional. Assim, indaga-se, por que os residentes dessa área conseguem atribuir para si esse valor e projetá-lo para o restante da cidade?

No caso da Gentilândia é a reprodução do valor de superioridade dos residentes locais que sustenta a diferença. Esta é sustentada também pela organização dos moradores, um exemplo é a publicação de artigos e notas por dois colunistas, um do jornal *Diário do Nordeste* e outro do jornal *O Povo*²¹, indicando a Gentilândia como bairro tradicional.

No jornal *O Povo*, em 06 de abril de 2007, foi publicado, em comemoração ao aniversário de um poeta fortalezense, um roteiro sobre os lugares mais frequentados por ele na cidade, entre eles a Gentilândia. O citado colunista é também o responsável por uma coluna de crônicas, neste mesmo periódico, na qual se vê com frequência referências a este local. O responsável pela coluna no *Diário do Nordeste* reside na Gentilândia desde que nasceu e, também, propaga sua peculiaridade na cidade por meio de comentários nos programas de rádio e televisão, nos quais participa como colaborador. Um dos comentários do locutor em um programa afirmava a Gentilândia como a “Aldeota do Benfica”²², identificando o valor que os moradores da área atribuem para si bem como seu *status* “superior” diante dos residentes de outras áreas.

Uma das formas de perpetuar a Gentilândia como área “superior” é através da “herança sociológica”, que permite aos filhos herdarem dos pais valores e preconceitos transmitidos pela educação (ELIAS; SCOTSON, 2000). Divulgá-la como lócus da tradição por meio de matérias de jornais e registrar a memória coletiva numa exposição são formas de transmitir para as gerações mais jovens o sentido de “lugar” no bairro.

A reafirmação constante da Gentilândia como área ou bairro tradicional é elemento que garante a permanência do valor diferenciado. Quando um morador afirma seu local de estada como melhor, ajuda a perpetuá-lo como tal, além de tornar a minoria que representa mais visível. Assim,

as notícias e informações veiculadas para toda a cidade são auxiliadas pelas práticas e falas diárias que sedimentam o sentido do lugar.

No entanto, esse conflito existente entre os “*gentilandinos*” e os moradores do Benfica não faz o bairro ser definido por seus residentes como menos tradicional em relação a qualquer outro da cidade. Mesmo os “*gentilandinos*” afirmam que a “*tradicionalidade*” é uma singularidade do todo. Gentilândia e Benfica formam um conjunto distinto dos outros bairros da capital. Ao utilizar a expressão “*coração do Benfica*”, indicam que ambos compõem um conjunto único, mas a Gentilândia seria o centro produtor e difusor da tradicionalidade.

A relação entre os residentes da Gentilândia e do restante do Benfica deve ser interpretada como uma relação de forças, na qual o produto é a valorização diferencial de porções do espaço. Esta é fruto das relações que as pessoas estabelecem com o lugar, por meio de suas vivências, e entre si; sendo, portanto, fruto de relações de poder, pois este está presente em todas as relações humanas, atuando por um equilíbrio instável de forças (ELIAS; SCOTSON, 2000), inclusive nas relações que atribuem valor às pessoas e aos lugares.

Moradores da parte norte do Benfica afirmam não haver diferenças entre este e a área destacada por outros residentes como tradicional. Mas enfatizaram a diferença entre o bairro e o restante de Fortaleza, informando que mesmo com as alterações sofridas para se adaptar à modernização da cidade, as relações de vizinhança mantêm-se quase inalteradas e, mesmo os novos moradores, dentre eles os estudantes universitários, lá se estabelecem por serem “*peças de bem*”²³, adaptadas ao ethos local.

Aponta-se uma distinção entre o Benfica e o resto da cidade, unindo “*benfiquenses*” e “*gentilandinos*”, pois mesmo com a diferenciação interna há uma comunhão da noção de singularidade local. Isto remete às correlações de forças estudadas por Elias (2001), para evidenciar que a homogeneidade dos grupos que se relacionam na vida social é apenas aparente, porquanto classes ou grupos apresentam inúmeras diferenciações internas, expostas quando se busca o nível das relações e das interdependências entre os indivíduos. Pois o Benfica não é um bairro homogêneo para os que nele residem, mas exibe-se desta forma para residentes de outros bairros da capital cearense.

Essa distinção entre o Benfica e o restante da cidade evidencia-se quando se fala na delimitação da Gentilândia como bairro autônomo²⁴. Muitos moradores a vêem como a parte mais tradicional e, por sua importância subjetiva, não teria delimitação territorial. As passagens a seguir ilustram como a fixação de limites é vista por alguns residentes²⁵:

A Gentilândia é um ponto de encontro e reconhecimento. A delimitação geográfica excluiria pessoas que moram fora dos limites, mas que pertencem ao ambiente vivido.

Não há diferença, a Gentilândia faz parte do Benfica e o Benfica da Gentilândia. Mas a Gentilândia mora no coração da gente, ela não tem delimitação, começa e termina no coração da gente.

Nestas passagens percebe-se que, mesmo quando não consideram necessário delimitar, acreditam na superioridade local, demonstrando que mesmo permanecendo como único e, à primeira vista, homogêneo, o Benfica como lugar é constituído por uma correlação de forças.

6. Considerações finais: Acerca da identidade sócio-territorial

A partir do exposto, vê-se que doar sentido não é um fato independente na vida. O sentido é fruto de uma relação entre elementos. Parte dos moradores acredita que o local é um bairro autônomo, outra parte o vê como porção mais importante, mas ambas acreditam no diferencial de valor dessa área, que a tornaria lugar e que também tornaria o Benfica lugar.

A questão do ethos local fica clara nas falas citadas, porquanto muitos “*gentilandinos*” residem em outras áreas do Benfica ou mesmo nunca residiram ali, destacando-se a característica simbólica da identidade de lugar. “A Gentilândia é mais do que isso, cada um entende de uma maneira. Ela é infinita no coração da gente”²⁶.

Se não há uma delimitação territorial jurídica, há uma demarcação simbólica. A Gentilândia não é apenas a antiga Vila Gentil, até porque as edificações guardam pouco das características originais, ela representa um conjunto de experiências vividas constitutivas das lembranças de cada sujeito, sejam os moradores antigos ou os frequentadores dos campos de fute-

bol e das quermesses da igreja. É o ethos que compõe as fronteiras do lugar, e o maior exemplo é a toponímia local, tanto que se a área deixasse de ser assim nomeada provavelmente perderia o sentido a ela relacionado.

Corrêa (2003), ao estudar a dimensão cultural do espaço urbano, destaca que o ato de nomear parcelas do espaço significa “marcá-lo”. A toponímia expressa uma apropriação que funciona como elemento identitário, esse nomear é considerado um ato político e cultural. Tanto a nomeação de parcelas do espaço urbano pelo executivo municipal como as atribuições realizadas pelos habitantes, estabelecidas pela apropriação informal²⁷, devem, segundo o autor, ser consideradas atos demarcadores, pois “nomear os lugares é impregná-los de cultura e de poder” (CLAVAL, 2007, p. 202).

Assim, a Gentilândia dentro do Benfica é um ato da apropriação informal dos moradores. De acordo com Claval (2007), batizar lugares é transformá-los em objeto de discurso, impondo sentidos instituídos pelo grupo que o pode realizar.

Veja-se, por exemplo, a Praça José Gentil Alves de Carvalho, denominada pelos moradores como Praça da Gentilândia. A toponímia oficial é quase desconhecida, mas o uso Gentilândia se arraigou na mente das pessoas de forma a constituir a identificação principal. Até informativos distribuídos pela Prefeitura Municipal de Fortaleza ao público GLBT (Gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros), frequentador da praça, a identificam desta maneira.

A Praça José Gentil, ao ser identificada como pracinha da Gentilândia, revela uma apropriação simbólica. A nomeação da praça é uma manifestação do poder simbólico da identidade, “(...) um poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1998, p. 7-8).

Como destaca Haesbaert (1999), as identidades territoriais são tanto mais eficazes quanto maior sua capacidade de esconder que são produzidas por relações sociais, entre pessoas e entre estas e os lugares. Elas são mais aceitas quando o conjunto de relações que as constitui é reconhecido como natural e, por isso, inquestionável.

A mudança na toponímia da praça demonstra a sutileza da atuação do poder simbólico de uma identidade tecida a partir dos afetos dos habi-

tantes para com o lugar e da contraposição com o Benfica. Atribuir sentido ou identificar parcelas do espaço urbano é, portanto, um ato que demonstra o poder de um grupo impor seu discurso sobre o lugar, pois como destaca Foucault (2000), o sentido precede a existência do objeto, este só se realiza socialmente após o discurso criado para significá-lo.

Quando a Gentilândia é colocada como centro da “tradição”, o resto do bairro é hierarquizado de acordo com as características que se acredita, ou não, nela existirem. A Gentilândia passa a ser o parâmetro a partir do qual se atribui valor ao Benfica.

Notas

¹ Benfica: Memória de Fachada. Jornal O POVO. Caderno Vida & Arte. 04 de abril de 2006. p. 5 – 7.

² Capital do estado do Ceará, situada no Nordeste do Brasil.

³ Quadrilátero composto pelas avenidas Universidade, Expedicionários, Treze de Maio e Rua Padre Cícero. Localizado na parte sul do Benfica.

⁴ Expressão utilizada por entrevistados para identificar o Benfica entre os bairros da capital cearense.

⁵ Após inauguração esta será chamada de Gentilândia.

⁶ Termo utilizado como conhecimentos acumulados pela humanidade e que devem ser repassados para as gerações futuras.

⁷ Mayer (1987, p. 127) define quase-grupos como “Entidades sem uma estrutura identificável, mas cujos membros possuem determinados interesses ou condutas comuns que poderão, em algum momento, levá-los a formarem grupos definitivos”. O autor considera, ainda, que as relações estabelecidas pelo conjunto não são o meio pelo qual este pode ser descrito, mas sua base de existência.

⁸ Habitantes aqui se refere tanto a residentes como a não residentes que se identificam com a Gentilândia e compartilham de seu ethos.

⁹ Parte da entrevista de Airton Fontenelle como está destacada no painel.

¹⁰ C.S., organizador da Confraria do Cristiano.

¹¹ Fala de E. C., 81 anos, que, quando adolescente, morou no entorno da Gentilândia.

¹² Ibidem.

¹³ Morador da Gentilândia.

¹⁴ Morador do Benfica, integrante da Confraria da Gentilândia.

¹⁵ Organizador da Confraria do Cristiano.

¹⁶ Residente na Rua Marechal Deodoro, próxima à Avenida Domingos Olímpio, no Benfica.

¹⁷ Diário do Nordeste, 02 de fevereiro de 2007. Opinião – Cartas e e-mails. Gentilândia.

¹⁸ O Povo, 23 de janeiro de 2007. Agenda Vida & Arte. Em destaque.

- ¹⁹ Rota do Sol, 31 de janeiro de 2007. Resgate histórico de um bairro charmoso.
- ²⁰ O Povo, 24 de dezembro de 2006. Fortaleza. Memorial resgata história da Gentilândia.
- ²¹ A partir do final da década de 1930 é possível encontrar reportagens no jornal O Povo, indicando a Gentilândia como um bairro, em função da organização das residências ali construídas, as quais para a época possuíam a melhor infraestrutura da cidade, com abastecimento de água, fornecimento de energia elétrica e fossas comuns proporcionados pela Imobiliária Gentil S. A., responsável pelo empreendimento (Jornal O Povo, de 16 de dezembro de 1937, O bairro da Gentilândia ficou sem transporte).
- ²² Aldeota é um bairro da zona leste de Fortaleza, possuindo um dos metros quadrados mais caros da cidade.
- ²³ Diário de campo.
- ²⁴ Em 10 de dezembro de 1999 o projeto de lei nº. 0434/99 denominava Gentilândia um bairro de Fortaleza com delimitação a ser definida pelo Poder Executivo Municipal. Entretanto, a prefeitura nunca instituiu a delimitação. Segundo os moradores que apoiavam o projeto, isto ocorreu em virtude do desencontro de opiniões entre os residentes da área, pois não se chegou a um acordo acerca dos limites do bairro.
- ²⁵ Falas transcritas do diário de campo, vale ressaltar que nenhum desses senhores é residente da Gentilândia. Ambos residem no Benfica, respectivamente, nas ruas Tereza Cristina e Dom Jerônimo.
- ²⁶ Diário de campo.
- ²⁷ Correa (2003) faz a distinção entre apropriação formal e informal para diferenciar as ações dos habitantes do lugar das ações instituídas pelo poder público na significação dos lugares, outros autores utilizam os termos apropriação e dominação do espaço.

Referências

- BARROSO, Francisco. **Benfica de ontem e de hoje**. Fortaleza, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- CORREA, Roberto Lobato. A geografia cultural e o urbano. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução a geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 167-186.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza, 1959.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e Identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: CORREA, Roberto Lobato e ROZENDHAL, Zeny (orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 103-133.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MAYER, Adrian C. A importância dos quase-grupos no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos**. São Paulo: Global, 1987. p. 127-155.

SERPA, Angelo. O bairro como discurso: limites e possibilidades. In: SERPA, Angelo (org.). **Cidade Popular: Trama de relações sócio-espaciais**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 25-42.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 73-102.

TUAN. Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN. Yi-fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio Carlos (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985. p.143-164.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 7-72.

Recebido em: 18/11/2009

Aceito em: 29/11/2009